

A janela do conserto

8-ano · crônica

Na rua da minha escola, a oficina de dona Vera tinha uma janela baixa. Na ida, eu via aparelhos abertos sobre a bancada; na volta, quase os mesmos. Chamava aquilo de museu das coisas quebradas. Meu pai achava graça do apelido, mas continuava levando ali o ventilador quando ele fazia barulho. Eu preferia passar depressa, antes que alguém me pedisse ajuda.

Um dia, a professora pediu que observássemos um trabalho do bairro. Escolhi a oficina porque ficava no caminho, não porque esperasse descobrir alguma coisa. Dona Vera deixou que eu acompanhasse um rádio. Testou o cabo, separou peças e anotou o que ainda precisava verificar. Entre um teste e outro, atendeu duas pessoas. Meu caderno recebeu uma conclusão apressada: serviço interrompido.

Na segunda visita, o rádio permanecia no mesmo lugar. Antes que eu apontasse isso, o dono chegou com um aparelho parecido, emprestado por um vizinho. Vera comparou as peças. O defeito estava num componente pequeno, não no cabo que eu havia fotografado. Ela disse que poderia trocar a peça, mas precisava perguntar ao cliente se o custo compensava. Fechou o rádio e aguardou a resposta.

Eu queria registrar um antes e um depois, de preferência no mesmo dia. A professora perguntou o que existia entre essas duas fotografias. Mostrei as notas, que pareciam menos interessantes que as imagens. Foi nelas, porém, que encontramos testes, consulta ao dono e espera por uma decisão. Minha primeira conclusão cabia numa linha; o trabalho observado já não cabia nela.

Na semana seguinte, o cliente escolheu fazer o conserto. Quando fui buscar a autorização para usar sua história no mural, Vera estava explicando a outra pessoa por que não recomendava reparar uma chaleira. Entendi que entregar um aparelho funcionando não era o único desfecho possível daquele trabalho. No mural, deixei espaço para a decisão do cliente e retirei a legenda que prometia mostrar uma transformação rápida.

Hoje ainda reconheço alguns aparelhos na janela. Meu pai perguntou se o museu continuava aberto. Respondi que eu tinha aprendido a visitar a exposição devagar. Ele riu do mesmo jeito; desta vez, o apelido não significava, para mim, que ninguém estivesse fazendo nada.

bancada · Mesa usada como superfície de trabalho.

componente · Peça que integra um aparelho.

desfecho · Resultado ou encerramento de uma situação.

Escolhe uma opção.

1. Se o dono recusasse o conserto depois da consulta, como o narrador poderia apresentar esse atendimento no mural?

1. Como um trabalho concluído por uma decisão, à maneira da recomendação sobre a chaleira.
 2. Como um serviço ainda interrompido, semelhante ao que anotara após a primeira visita.
 3. Como uma troca de aparelho, semelhante ao empréstimo trazido para comparar as peças.
 4. Como uma desistência da oficina, semelhante à pressa com que ele passava pela janela.
-
-

Escolhe uma opção.

2. Como o caso do rádio ajuda a entender a mudança de sentido do apelido usado no final?

1. O aparelho parado escondia testes e uma escolha do dono que o narrador antes não acompanhava.
 2. A repetição do aparelho na janela indicava um acervo que Vera mantinha para mostrar aos visitantes.
 3. O rádio emprestado permitiu encerrar o atendimento com a entrega de outro aparelho ao cliente.
 4. A demora levou o pai a abandonar a oficina e o filho a registrar o fracasso do atendimento.
-
-

Escolhe uma opção.

3. Que relação o narrador passa a perceber entre suas notas e a organização do mural?

1. As notas sustentam a legenda de rapidez, porque a troca do cabo resolveu o caso na primeira visita.
 2. O registro das decisões pede uma apresentação diferente daquela centrada na transformação imediata.
 3. As anotações do vizinho orientam o mural, pois ele decidiu quais reparos Vera poderia realizar.
 4. O relato da chaleira permite trocar as notas pela foto do rádio, que mostra a escolha do cliente.
-
-

Escolhe uma opção.

4. O que aproxima a anotação “serviço interrompido” da legenda que o narrador depois retirou?

1. As duas atribuíam ao cliente o atraso na autorização da história.
 2. As duas tomavam o atendimento de outras pessoas como causa do defeito.
 3. As duas julgavam o trabalho pelo ritmo de mudança visível do aparelho.
 4. As duas apresentavam a comparação entre rádios como uma troca concluída.
-
-

Escolhe uma opção.

5. Por que o riso do pai tem um papel diferente do novo uso do apelido pelo filho no encerramento?

1. O pai passa a evitar a oficina; o filho é quem volta a confiar no conserto.
 2. O pai já recorria à oficina; o filho é quem revê a leitura da demora.
 3. O pai aprende a observar os testes; o filho é quem preserva a impressão inicial.
 4. O pai decide alterar o mural; o filho é quem mantém a legenda sobre rapidez.
-
-

Escolhe uma opção.

6. Entre a escolha da oficina e a preparação do mural, o que muda no motivo para o narrador se deter ali?

1. Ele busca a aprovação do pai para divulgar o resultado do conserto.
 2. Ele procura comprovar que o rádio da segunda visita tinha sido trocado.
 3. Ele deseja preservar a promessa de concluir o registro no mesmo dia.
 4. Ele passa da conveniência do trajeto à tentativa de compreender as decisões.
-
-